

Refletindo Religião e Atualidade

Cássia Maria de Oliveira¹

Resumo: Este artigo pretende refletir as relações entre educação, religião e contemporaneidade, com base na obra de Benjamin denominada Teses de Filosofias da História, também conhecida como Sobre o conceito da História para se pensar o que a religião poderá nos proporcionar para pensar a atualidade.

Palavras-Chaves: religião- educação- contemporaneidade

Resume: Cet article prétend réfléchir les relations entre education, religion et actualité em base sur l'oeuvre de Benjamin dénommé Teses de Philosophies de l' Histoire, aussi connu comme Sur le concept de l'Histoire pour se penser le quel la religion poudra nos proportionner a penser l'actualité.

Palavras-Chaves: Religion- Education- Actualité

Compreender com o fato inédito do retorno da obrigatoriedade do ensino religioso, os desafios singulares do capitalismo contemporâneo que perpassam na educação constitui objetivo de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no ano de 2006 que se interroga sobre o que a religião poderá nos fornecer para pensar a atualidade? Que subjetividades singulares são produzidas por meio da violação da constituição, na escola pública?

A importância de uma reflexão sobre as manifestações religiosas, sobretudo no campo educacional, se deve a uma preocupação em relação aos desafios, conflitos e tensões gerados no âmbito da cultura da escola pública brasileira provocados pelo ensino religioso e pela presença do pentecostalismo. No processo de construção do objeto, a temática da manifestação religiosa foi sendo identificada com o crescente número de profissionais evangélicos, no espaço escolar, que provocam interrogações e objeções a uma prática pedagógica que sempre incorporou determinadas expressões da cultura popular (festa junina, carnaval etc.) e as situações vividas na sala de aula de uma universidade particular e no trabalho realizado na rede pública com professores da educação infantil.

Entre as motivações que me levaram a examinar as manifestações religiosas e o ensino religioso na escola pública está também o desejo de compreendê-las como uma chave que nos permite abrir para os desafios da contemporaneidade, uma vez que Bauman reconhece que *“os movimentos religiosos de hoje têm uma capacidade singular de revelar*

¹ Cursando o doutorado em educação na UERJ – Rio.

os males da sociedade, sobre os quais eles têm seu próprio diagnóstico”. (BAUMAN,1998 p. 226).

Bastante influenciada pela reflexão de Bauman acerca do fundamentalismo e contemporaneidade com uma abordagem que abrange todo um campo ético, político, sociológico e pelo pensamento inovador de Benjamin em relação ao materialismo histórico e à teologia, proponho o desafio de realizar o entrecruzamento entre o social e a história com a área educacional para compreender as tensões políticas singulares presentes na relação escola pública e contemporaneidade, por meio das manifestações religiosas no cotidiano escolar e daquilo que acontece no ensino religioso das escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro.

Na verdade, busca-se uma história que rompa com a noção do tempo linear, do tempo cronológico, da passagem de uma época à outra.

Diante do desafio do entrecruzamento entre o social e o histórico entende-se que, seria necessário fazer uma breve discussão sobre essa questão e em relação ao pensamento inovador de Benjamin no que se refere ao materialismo histórico e o messianismo, ou melhor, sobre como essa discussão aparece em Lowy e Gagnebin.

Entrecruzamento entre o Social e a História

A partir da segunda metade do século XX, constata-se um avanço do social no campo da história como nos relata Angela de Souza Martins no texto intitulado Educação e História Cultural.

Segundo a autora, essa aproximação entre o social e o histórico é resultado de investigação histórica baseada no marxismo e na Escola dos Annales. Ambos buscaram mudar o estudo da história.

Para Martins, *“a prioridade das relações sociais na interpretação da história permite um enfoque interdisciplinar e uma busca de uma história que apreenda o econômico, o mental, o social e o político”*, o que possibilita dialogar com outras ciências humanas. (2006, p.112)

Nessa perspectiva, Benjamin traz contribuições importantes para a história, pois apresenta uma concepção profundamente original de filosofia da história apoiada em três fontes: romantismo alemão, messianismo judaico, marxismo.

Do ponto de vista benjaminiano, uma época incorpora a outra através de fragmentos históricos. O passado é recuperado como um fragmento da memória que diz respeito às gerações passadas e presentes. Assim, busca

“captar a dissolução de uma época e a formulação de uma outra, o que configura em seus textos imagens dialéticas, que contêm em si mesmas a extensividade do relato histórico, mas também a intensividade da experiência que o autor realiza através de sua rememoração e de sua indagação política sobre o estatuto teórico do presente”. (FERREIRA,2006, p.51).

Benjamin propõe a constituição de uma filosofia histórica materialista voltada ao problema do presente que se apresenta sob forma de mosaico, de fragmentos que se interrogam e se complementam através da rememoração ou uma contra-memória *“em que não há empatia imediata entre passado e presente, mas configurações insuspeitadas, ou seja, fruto de novas relações entre o acontecido e a contingência do presente”*.(FERREIRA,2006, p.42).

Nesta perspectiva o presente tem a noção de imagem dialética que resgata um aspecto, um fragmento, um relampejo do passado visto como tempo inacabado, uma tensão entre um passado que se encaminha ao presente que o identifica e recolhe como “problema seu” que se propõe à superação das contradições entre o passado e o presente, a teoria e a prática e assim o presente ganha uma abordagem estética. Com isso, ele funda um conceito de presente como um “agora” no qual se infiltram estilhaços do messiânico... Ele afirma que *“é preciso identificar o ponto em que nos encontramos a fim de compreender o passado que se revela aos nossos olhos...”*. De acordo com Benjamin, o historiador materialista *“realiza uma experiência no tempo histórico, ao interromper o fluxo linear dos acontecimentos, devido a sua ânsia em compreender o não-acabamento do próprio passado”*. (FERREIRA,2006,p.41) Com esse entrecruzamento entre passado, presente e futuro, ele mostra a relação entre messianismo e marxismo.

A concepção de história de Benjamin constitui *“uma forma heterodoxa do relato da emancipação: inspirando-se em fontes messiânicas e marxistas, ela utiliza a nostalgia do passado como método revolucionário de crítica do presente”*. (BENJAMIN,2005,p.15)

Materialismo Histórico e Messianismo

Em Benjamin encontra-se uma ligação entre o messianismo e o materialismo histórico, não como uma combinação ou síntese, mas sob a perspectiva do messianismo *como a volta ao passado, para servindo-se dele colocar o presente numa situação crítica*. É uma sistematização admirável dedicada a uma série de questões fundamentais como o progresso, religião, história, utopia, revolução e política. Toda sua obra pode ser considerada

“como uma espécie de “aviso de incêndio” dirigida a seus contemporâneos, um sino que repica e busca chamar a atenção sobre os perigos iminentes que os ameaçam, sobre as novas catástrofes que se perfilam no horizonte”.
(LOWY,2005,p.32)

Nesta perspectiva, adotamos as Teses de Filosofias da História de Benjamin, que vem gerando diversas interpretações da sua obra, também conhecidas como *Sobre o conceito da História* escritas em um quarto de exílio entre setembro de 1939 (início da Segunda Guerra) e abril de 1940 (construção do campo de concentração de Auschwitz). Com as teses, Benjamin propõe

“uma história “a contrapelo”: não aquela dos vencedores,mas aquela que poderia ter sido outra, que foi sufocada, mas deixou interrogações, lacunas, brancos que são tantos sinais de alteridade e de resistência; esses sinais, cabe ao presente, justamente, reconhecê-los e, quem sabe, retomá-los e assumir suas promessas de alteridade e de resistência na luta histórica e política atual.
(GAGNEBIN, 1999,p.52)

Lowy adota uma visão marxista e teológica que busca convergir o materialismo e messianismo. Gagnebin considera que essa interpretação da obra de Benjamin possibilita uma apreensão global do pensamento do filósofo.No entanto, Jeanne – Marie Gagnebin aponta questões referentes à distinção entre religião e teologia, em relação a essa leitura baseada em um paradigma fundamentalmente religioso para compreender o estatuto da história humana, material, concreta, com a intenção de elucidar melhor o assunto, em especial no pensamento e obra de Benjamin. Usa um tom provocativo quando pergunta “por que Benjamin lhe teria atribuído tamanha importância e dedicado tantos trabalhos, se essa mesma história devesse ser, na realidade, tão somente uma espécie de parêntese infeliz entre o Paraíso (perdido) e sua última restauração”. E utiliza como principal argumento a revisão com máxima seriedade de determinados textos na separação rigorosa entre a esfera do religioso e a do político e à aplicação desse paradigma religioso ao pensamento de Benjamin. Na leitura de Lowy, essa relação entre materialismo histórico e messianismo é explicada por Benjamin quando aborda o conceito de redenção que é um dos principais para entender o seu conceito teológico. Ele o situa

“em primeiro lugar na esfera do indivíduo: sua felicidade pessoal pressupõe a redenção de seu próprio passado, a realização do que poderia ter sido mas não foi. Essa felicidade pressupõe a reparação do abandono e da desolação do passado. A redenção do passado é simplesmente essa realização e essa reparação, de acordo com a imagem de felicidade de cada indivíduo e de cada geração”. (LOWY, 2005, p.48).

Segundo Lowy, Benjamin passa da redenção individual para a reparação coletiva quando considera que *“não há progresso se as almas que sofrem não têm direito à felicidade e à realização”*, o que significa conceber a redenção, sobretudo enquanto rememoração histórica das vítimas do passado no sentido da consciência humana histórica reparar o futuro dos seres humanos que morreram, tornando o presente a ação redentora, o tribunal de justiça que se orienta também pela rememoração, pela história, pela política para oferecer aos protestos que vem do passado, a supressão, a reparação das injustiças passadas e a realização da utopia social, o restabelecimento do Paraíso pelo Messias e a sociedade sem classes pelo marxismo.

Do ponto de vista de Lowy, é necessário tanto a rememoração do sofrimento, das lutas passadas enquanto consciência histórica das injustiças passadas ou a pesquisa histórica, quanto a redenção do sofrimento, a reparação das injustiças passadas, *“da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar”* para realizar a tarefa messiânica/revolucionária atribuída pelas gerações passadas que se realiza no presente. Para ele, *“não haverá redenção para a geração presente se ela fizer pouco caso da reivindicação das vítimas da história”*. Dessa forma, a redenção é o relampejo do *passado que se revela aos nossos olhos* do presente. O que lhe interessa, no passado, é a luta até a morte entre opressores e oprimidos. Assim, ele compreende a redenção de modo teológico e profano e o *marxismo como o herdeiro e o executante testamentário de vários séculos de lutas e de sonhos de emancipação*.

A idéia de correspondência no pensamento benjaminiano é fundamental para a compreensão da redenção de modo teológico e profano porque significa buscar sempre a equivalência entre o sagrado e o profano, a teologia e a política, ou seja, *“é preciso encontrar seu significado social e político”*. (LOWY, 2005 p.89).

Para Benjamin, segundo Lowy, a tarefa do Messias na esfera do sagrado corresponde a revolução na esfera do profano. Essa noção é tão essencial ao pensamento benjaminiano como o conceito de presente que se traduz em imagens de salvação que podem ser chamadas de dialética que representam a *“intervenção salvadora” que tem por objeto*

tanto o passado quanto o presente: história e política, rememoração e redenção são inseparáveis. O messianismo como o materialismo são lembranças de uma promessa e o apelo a uma transformação radical que se encontram na exigência “*de uma salvação que não consistia simplesmente na conservação do passado, mas que seja também uma transformação ativa do presente*”. (LOWY,2005 p.53) Noutras palavras, foi a coincidência entre redenção e revolução que atraiu Benjamin para o marxismo na leitura de Lowy.

Entretanto, Gagnebin, cita o início do Fragmento teológico-político escrito nos anos 20 para recolocar a discussão com a visão materialista e teológica e se contrapor a essa visão de equivalência entre o Reino de Deus (paraíso perdido, sagrado, messianismo, teologia) e o Reino da Liberdade (sociedade sem classes, profano, revolução, materialismo) e a correspondência entre o messianismo e marxismo em que critica a concepção de um vir-a-ser histórico (profano), cuja apoteose seria a vinda do Reino de Deus e, de maneira simultânea ou sinônima, a do Reino da Liberdade. Se existe essa correspondência do Reino de Deus (sagrado, teologia) com o Reino da Liberdade (profano, materialismo), essa equivalência deve ser afastada do ponto de vista benjaminiano porque colocá-los como meta histórica, pode significar o fim da dinâmica histórica devido ao profano ter sido construído como doutrina do conhecimento que está de acordo com a edificação do sagrado com sua dimensão de fé, de crenças fundamentadas em certezas que fragilizam a relação teologia e política, ou seja, quando o profano (saberes) mantém uma relação com a religião no sentido de tornar-se um conjunto de doutrinas e práticas-corpo doutrinário-que tem dimensão de crença regida pela ideologia do progresso, impede o combate com o fascismo porque acredita que a história caminha no sentido do progresso. Assim, perde-se a possibilidade de inovação política.

Gagnebin começa a argumentar sua crítica a essa visão de equivalência entre o Reino de Deus e o Reino da Liberdade com a preciosa indicação de Benjamin:

“o próprio Messias, apenas ele, é que perfaz todo o advir histórico, no sentido que só ele liberta, cumpre, leva ao cabo a sua relação com o próprio messianismo. Eis por que nada de histórico pode, por vontade própria e por si mesmo, querer se referir ao messiânico. Eis por que o reino de Deus não é o telos da dinâmica histórica; ele não pode ser posto como meta...”.
(GAGNEBIN,1999,p.195)

Benjamin ao afirmar que “*o reino de Deus não é a meta, mas o fim da dinâmica histórica*”, retoma na ocasião das teses Sobre o conceito de história quando escreve que “*Messias interrompe a história; o Messias não surge no final de um desenvolvimento*”. Em

Benjamin na leitura de *Gagnebin*, a redenção não se confunde com a idéia de salvação e nem de conservação do passado pelo trabalho do historiador e pela prática da rememoração. Se a redenção livra, é porque ela destrói e dissolve, não porque mantém e conserva. “*E o Messias nos livra justamente da oposição entre o histórico e o messiânico, da oposição entre o profano e o sagrado*”. (GAGNEBIN,1999, p.198).

Neste sentido que entendemos a “distinção entre a ordem das metas (a propalada questão da teologia na história) que é a ordem do profano e do político, e a instância do fim da história” feita por Benjamin. Noutras palavras, a teologia, no pensamento benjaminiano, tem a importância do profano, ou seja, não é uma construção especulativa dogmática, mas um discurso ou um saber paradoxal cujo objeto lhe escapa de qualquer objetividade. “Assim, a teologia seria o exemplo privilegiado da dinâmica profunda que habita a linguagem humana quando essa se empenha em dizer, de verdade, seu fundamento, em descrever seu objeto e, não o conseguindo, não se cansa de inventar novas figuras e novos sentidos”. Esse paradigma de um discurso oriundo da teologia que se definira por sua insuficiência, pela impossibilidade transcendental e constitutiva de apreender o próprio objeto, habita no cerne da tradição filosófica e poética contemporânea. “*Se Deus é o primeiro e, talvez o mais radical, desses significados insondáveis e indizíveis, ele não é o único. Nem a beleza do mundo nem o sofrimento humano podem verdadeiramente ser ditos*”. (GAGNEBIN,1999, p.200).

Esse conceito de teologia que parece guiar o pensamento de Benjamin e

“as figuras teológicas e messiânicas comprovam sua eficácia suprema ao serem, por assim dizer, totalmente absorvidas, até desaparecerem, pelo mundo profano. Esse profano embebido de sagrado é o irmão da prosa libertada, que será a do mundo messiânico, de acordo com vários fragmentos da época das teses. Neste sentido, que a realização messiânica é também a realização da felicidade terrestre. (GAGNEBIN,1999, p.198).

Para a compreensão dessa prosa, Gagnebin destaca no Fragmento teológico-político “*o próprio Messias, apenas ele, é que perfaz todo o advir histórico, no sentido que só ele liberta, cumpre, leva ao cabo a sua relação com o próprio messianismo*”. Em outras palavras

“O Messias só virá no momento em que tiver conseguido tornar-se dispensável. Tal Messias não vem para instaurar seu Reino, ao mesmo tempo consecutivo ao reino terrestre e diferente dele. Ele vem justamente quando já não se precisa dele, virá um dia depois de sua chegada, não virá no último dia, mas no derradeiro”.(GAGNEBIN, 1999,p.198).

No pensamento benjaminiano, a teologia é a lembrança de que os discursos dos saberes humanos têm a dimensão de incompletude e de singularidade e vivem dessa fragilidade, isto é, *“uma retomada sem fim, um caminhar sempre reiniciado, uma multiplicidade de percursos”*. A tradição filosófica compreende essa visão a partir do conceito de verdade.

Nesse sentido, “no pensamento benjaminiano”, o paradigma teológico não funciona como aquilo que propiciaria uma resposta (religiosa) às perguntas dos homens; antes seria, pelo contrário, o que abala os edifícios, tão bem construídos, dos sistemas lógicos, especulativos ou políticos. Aí também, o caráter destruidor benjaminiano está agindo para preservar a possibilidade da salvação. (GAGNEBIN, 1999, 201).

É dessa teologia que continuamos precisando. *“Pelo menos, diria talvez Benjamin, até o Messias interromper a história e livrar, dissolver, resolver o antagonismo do profano e do sagrado”*. (GAGNEBIN, 1999, 201).

Gagnebin também chama atenção para a distinção entre religião e teologia. Ressalta que o termo religião aparece nos textos de juventude de Benjamin, mas que o vocábulo vai desaparecendo e o termo teologia vai aparecendo e assumindo uma importância crescente e argumenta que o interesse de Benjamin pelo fenômeno religioso se deve a sua leitura de Weber (ligação entre protestantismo e capitalismo), de Nietzsche (o conceito de dívida, culpa, característico da religião) e de Simmel (o conceito de culto, outra característica da religião). Ele assimila a temática da religião por meio de duas noções fundamentais: o desencantamento do mundo de Weber e a morte de Deus de Nietzsche.

Considerações Finais

A educação enquanto prática social enfrenta o desafio que começa com o entrelaçamento entre o social e o histórico e caminha em direção ao debate sobre manifestação religiosa, ensino religioso na escola pública com a finalidade de buscar a compreensão dos desafios singulares do capitalismo contemporâneo que perpassam na educação.

Diferentemente do que se verificava à época moderna em que o processo de laicização foi a característica marcante para desenvolver a pedagogia moderna (laica, racional, científica), a pedagogia contemporânea se destaca por um ressurgimento da religião. Este fenômeno significa uma virada inesperada dos acontecimentos.

Consideramos que o fundamentalismo como a cultura híbrida são expressões dessa mudança histórica que ajudam a compreender as dificuldades que enfrentamos no presente, esta constatação nos levou a entender a história como entrecruzamento do novo como velho.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN,Z, (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*.Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MARTINS, A. de S., (2006). *Educação e História Cultural: Algumas Reflexões Teóricas* in História, cultura e educação. Campinas: Autores Associados
- FERREIRA, M. S., F., NÁDIA, S.R., TOURINO, C. (2006). *Ensaio Sobre o Pensamento Contemporâneo*: Proclama.
- BENJAMIN, W., (2005) CULT *Walter Benjamin Crítica e redenção*. Aler n°106 set/2006 – ano 9.
- _____ (1994) *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- LOWY, M., (2005). *Walter Benjamin: aviso de incêndio*.São Paulo: Boitempo.
- GAGNEBIN, (1999) IN *Estudos Avançados 37 Dossiê Memória*. v.13 n°37 – set/dez.USP.